

Moisés de Lemos Martins: “o português é uma língua não só de comunicação, mas também de culturas, pensamento e conhecimento”¹

■ *Moisés de Lemos Martins: “portuguese is not only a language of communication, but also of cultures, thought and knowledge”*

Entrevista com MOISÉS DE LEMOS MARTINS^a

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
Braga – BR, Portugal

por CARLOS ALBERTO DE CARVALHO^b

Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Departamento de
Comunicação Social. Belo Horizonte – MG, Brasil

O PROFESSOR CATEDRÁTICO DA Universidade do Minho, Moisés de Lemos Martins, doutor em Sociologia pela Universidade de Estrasburgo, França, é o fundador e o diretor do único centro de excelência em investigação nas áreas da comunicação e dos estudos culturais, em Portugal, segundo a avaliação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), instituição responsável pela avaliação e o financiamento da ciência. O Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, situado em Braga, tem abrigado um conjunto alargado de projetos de investigação, que envolvem investigadores e universidades dos países de língua portuguesa, com a formação de mestres e doutores, de Portugal e de outras nações, principalmente do Brasil, além de formações pós-doutorais e doutorado-sanduiche, e de publicações conjuntas. Com especialização em sociologia da comunicação e da cultura, semiótica social, teoria e análise textual e discursiva, cibercultura, sócio-antropologia da imagem e do imaginário, Moisés de Lemos Martins tem mais de centena e meia de artigos, publicados em revistas, livros e atas de congressos, assim como meia centena de livros, de que é autor, coautor ou organizador, editados sobretudo em Portugal, Brasil e França. É também o fundador e o diretor de duas revistas científicas, *Comunicação e Sociedade*, e *Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies*. Presidiu à Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom), à Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom) e à Confederação Ibero-americana das Associações Científicas e

¹ A edição manteve as características do português europeu.

^a Professor catedrático da Universidade do Minho, diretor do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3072-2904>. E-mail: moiseslmartins@gmail.com

^b Professor associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Pesquisador 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8433-8794>. E-mail: carloscarvalho0209@gmail.com

Acadêmicas de Ciências da Comunicação (Confibercom). Ao longo de toda a sua vida, o professor tem-se batido por uma estratégia concertada de cooperação científica entre os países lusófonos, inspirada numa visão crítica e pós-colonial da lusofonia, que respeite as diferenças e a autonomia de todos os países e promova a intercompreensão entre os povos e as nações do espaço que tem a língua portuguesa como património simbólico comum, concorrendo, deste modo, para fazer do português uma língua de ciência.

MATRIZES: O professor esteve diretamente envolvido na criação de cursos de graduação em comunicação na Universidade da Beira Interior (UBI) e na Universidade do Minho (UMinho), numa altura em que poucas universidades portuguesas os ofereciam.

Moisés de Lemos Martins: Exatamente, é isso mesmo. Foi ainda no começo da Universidade da Beira Interior (UBI), em finais dos anos 1980. Na altura, a UBI tinha apenas um curso de Ciências Sociais e Humanas – o curso de Sociologia. Eu era o responsável deste departamento, e como se tratava de o dotar com novos projetos de ensino e de investigação, propus a criação de uma licenciatura em Ciências da Comunicação, na altura designada de Comunicação Social. Foi o terceiro curso do país nesta área científica, que se juntou aos dois cursos criados em Lisboa, no final dos anos 70, o da Universidade Nova de Lisboa e o do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa, hoje só Universidade de Lisboa. O curso de comunicação da UBI teve a primeira turma de alunos em 1989/1990. Mantive-me nesta universidade até finais de setembro de 1990, tendo ido então para a Universidade do Minho (UMinho). Sou sociólogo de formação, doutor em sociologia, nas especialidades de sociologia política e de sociologia do discurso. Já havia trabalhado como sociólogo na Universidade Católica Portuguesa, ensinando sociologia do discurso e sociologia da cultura, antes de ir para a UBI fazer a mesma coisa. Na minha tese de doutoramento investiguei os discursos políticos da ascensão do salazarismo em Portugal. Na UMinho o curso de Comunicação começou a funcionar no ano letivo de 1991/1992 e nos primeiros momentos estivemos o Professor Aníbal Alves e eu próprio. Eu havia começado na UMinho a ensinar as disciplinas de teorias da comunicação, sociologia da comunicação e comunicação internacional. Mas fui desde o início do curso de ciências da comunicação professor de semiótica e análise do discurso. Portanto, para sintetizar, fiz uma carreira académica toda ligada à comunicação. Sou um sociólogo da cultura, que se interessou pela dimensão social da linguagem e que, por essa razão, ensinou semiótica e análise do discurso, numa perspetiva sociológica. Tendo estado na fundação

do curso de Ciências da Comunicação da UMinho, aí ensinei, pois, semiótica social, perspetivando a semiótica como uma teoria da significação, uma teoria da produção social do sentido. Mas à medida que o curso de graduação em comunicação na UMinho se estabilizou e foram criados os mestrados, primeiro, e os doutoramentos, depois, os meus interesses pedagógicos e científicos foram-se direccionando muito mais para a sociologia da cultura e da comunicação, e também para a política científica.

MATRIZES: Como descreve o cenário atual dos centros de investigação de comunicação em Portugal?

MLM: Ora bem, posso tomar como exemplo o meu centro de estudos, claro que há outros, como o da UBI, o da Universidade de Aveiro, o da Universidade Nova de Lisboa e o da Universidade Lusófona, também de Lisboa, onde estão integrados os colegas da Universidade Lusófona do Porto. A Universidade do Porto já teve um centro de investigação em comunicação, mas hoje não tem. A Universidade de Coimbra nunca teve um centro de investigação em comunicação. A Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, também não tem um centro de comunicação. Tem antes uma seção de comunicação dentro de um Centro de Humanidades. Na Universidade do Algarve, existe uma secção de comunicação num Centro de Artes. Pensando no meu centro, o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), entendo que é a unidade de pesquisa mais estruturada e consolidada de Portugal. Aliás, é desse modo que os avaliadores da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), em sucessivas avaliações, de carácter internacional, o têm entendido e declarado. Nós temos de facto investigações importantes em comunicação nas suas várias especialidades, em comunicação intercultural (estudos sobre a memória, narrativas e identidades); literacia e educação para os média; comunicação estratégica; políticas da comunicação e da cultura; comunicação da ciência; estudos da rádio e do som; média digitais e interativos; jornalismo; cultura visual, especificamente artes e cultura urbana; estudos sobre a diversidade de género e a diversidade étnica; e estudos sobre aquilo a que podemos chamar de grandes desafios sociais, como os estudos sobre a juventude, sobre o envelhecimento e sobre as sociedades inclusivas; e ainda, os estudos sobre biociência, justiça e cidadania.

MATRIZES: O Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da UMinho é o único em Portugal que está classificado pela FCT como de excelência, em processo de avaliação conduzido por especialistas de toda Europa. A que atribuir essa avaliação?

MLM: O CECS desenvolve, hoje, cerca de trinta projetos financiados, por verbas nacionais e internacionais, tendo também vários projetos de intervenção no espaço público. Os nossos projetos de investigação não se ocupam somente das questões internas a Portugal, motivo pelo qual mantemos convénios de cooperação com universidades de todos os continentes. Para além disso, temos um compromisso de pesquisa muito importante, que é certamente uma das maiores marcas da UMinho, os estudos ligados a preocupações pós-coloniais. Nós os classificamos como estudos lusófonos, por visarem o espaço de língua oficial portuguesa, e por terem a ver, especificamente, com a questão do outro, que partilha com Portugal uma memória histórica, que é memória não apenas de encontro, mas também de assimilação e dominação colonial, tendo todavia, hoje, condições para uma abertura ao interconhecimento e à cooperação científica, através de projetos de ensino e de investigação que cumpram este desiderato. De certo modo, estes estudos estão relacionados com o fenómeno da globalização. A lusofonia aponta para uma identidade transcultural e transnacional, que assinala o espaço dos falantes do espaço de língua oficial portuguesa, incluindo as suas diásporas, e regiões como Macau, Goa e Galiza. Os estudos que desenvolvemos são, sobretudo, estudos do domínio da comunicação intercultural. Para todos os países deste espaço geocultural trata-se de uma questão estratégica, pois permite-nos não apenas juntar-nos e conhecer a memória histórica que nos constitui, mas permite afirmar, do mesmo passo, através de projetos de cooperação, a língua portuguesa como língua de ciência. Neste sentido, o CECS dispõe de um repositório digital de textos dos seus próprios investigadores, contando com mais de 2.900 produções científicas em acesso aberto, com cerca de um milhão de downloads, de todos os países do mundo.

MATRIZES: As parcerias de investigação atuais entre investigadores do Brasil e de Portugal estão estabelecidas especialmente segundo a perspectiva da lusofonia e da memória?

MLM: É verdade que os estudos feitos em parceria com universidade brasileiras têm privilegiado os temas da memória, das narrativas e das identidades lusófonas. Tem sido assim com a universidade da Bahia; com a USP, a PUC e a Mackenzie de São Paulo; com a PUC de Minas Gerais e a UFMG, ambas em Belo Horizonte; e ainda com a PUC do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mas tem havido outros interesses académicos, partilhados entre equipas de investigação da UMinho e universidades brasileiras. Por exemplo, com a Universidade de Brasília tem havido projetos sobre a cultura da rádio e do som. Com a UFMG tem havido projetos comuns sobre cultura visual, e também sobre a

representação do sofrimento e da morte na cultura e nos média, e ainda sobre o género. Com a USP, tem havido cooperações ao nível da comunicação estratégica. Com a PUC do Rio Grande do Sul, os projetos têm sido sobre temas diversos, versando uns sobre o jornalismo, outros sobre a cultura visual, outros ainda sobre a comunicação política. E também é um facto que em todas estas universidades a cooperação se tem estendido a participações recíprocas em júris de provas académicas, a coorientações de doutoramentos, à mobilidade de estudantes e professores, e a publicações conjuntas.

Gostaria de lembrar e sublinhar, neste contexto de cooperação entre Portugal e Brasil, as contribuições mobilizadoras das comunidades científicas de Ciências da Comunicação de ambos os países, da responsabilidade do professor José Marques de Melo. Foi pioneiro o papel deste gigante das Ciências da Comunicação, que é, sem dúvida, o principal obreiro pela dinamização da vida associativa e da cooperação entre Portugal e Brasil, e além destes dois países, pela dinamização da vida associativa e da cooperação por todo o espaço lusófono.

Dado o facto de falarem uma mesma língua, pode pensar-se que as comunidades científicas dos países de língua oficial portuguesa constituem uma identidade transcultural e transnacional em que se reconhecem. E, todavia, não é o caso. Falar uma mesma língua, por si só, pouco significa, se isso não for acompanhado por um imaginário comum, por sonhos partilhados. No caso, por sonhos de projetos e de trabalho, a serem desenvolvidos em comum.

Num mundo mobilizado, hoje, nas suas práticas, por toda a espécie de tecnologias, sobretudo por plataformas móveis de comunicação, informação e lazer (*iPads, tablets, smartphones* etc.), mobilizado também por novas formas de interação social (por redes sociotécnicas) e por modelos emergentes de interação (como, por exemplo, aplicações e videojogos), penso que é possível desenvolvermos um trabalho comum de cooperação científica, por todo o mundo lusófono. É este o ponto de partida para o desenvolvimento daquilo a que eu chamo de imaginário comum, a ser desenvolvido no espaço dos países de língua portuguesa. É este o ponto de partida para estabelecer aquilo a que eu chamo de cartografia lusófona, a ser desenvolvida de um modo partilhado. Trata-se de uma navegação conjunta por lugares hipermediados, por pontos onde a mediação tecnológica favoreça estados imersivos, deslocações geográficas, trocas sociais, travessias sensoriais e evasões imaginárias. E para além do ciberespaço, esta cartografia deve incluir a hibridez de espaços, como os cinemas, teatros e outras salas de espetáculos, estações de comboios, estações de correios, aeroportos, museus, bibliotecas.

O imaginário comum a desenvolver por todos os países de língua oficial portuguesa, assim como pelas suas diásporas, constitui-se como um combate a

travar pela diversidade, no que respeita à ordenação simbólica do mundo, um combate tornado possível pelas redes transculturais e transnacionais de conhecimento, onde, ao mesmo tempo, se faz a abertura ao mundo à diversidade das línguas e das culturas e se colocam os problemas de língua hegemónica e de subordinação política, científica, cultural e artística.

MATRIZes: O Museu Virtual da Lusofonia é um projeto que está em pleno desenvolvimento, com a proposta de ser um repositório virtual que reflita a cultura, a comunicação e a memória dos países de língua portuguesa. Em que estágio se encontra a sua implementação?

MLM: Acabámos de receber a aprovação da nossa proposta de um Museu Virtual da Lusofonia pelo Google Arts & Culture, o que quer dizer que vamos ter condições efetivas para poder dinamizar as atividades deste Museu (www.museuvirtualdalusofonia.com).

O Museu Virtual da Lusofonia é uma plataforma de cooperação académica em Ciências Sociais e Humanas, vinculada, sobretudo, aos estudos culturais, à comunicação da ciência, ao ensino pós-graduado e às artes, no espaço dos países de língua portuguesa e das suas diásporas, em curso no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Estende-se, também, à Galiza, a Goa e à Região Autónoma de Macau.

O Museu tem um objetivo cooperativo, transcultural e transnacional, que se espraia pelos domínios científicos, pedagógicos, culturais e artísticos, e intenta desenvolver literacias, que promovam a cultura da diversidade e do diálogo intercultural, nos países e regiões de língua portuguesa. É também objetivo do Museu Virtual da Lusofonia a constituição de bases de conhecimento em Ciências Sociais e Humanas, à escala lusófona, que possam representar, não apenas uma importante afirmação científica em língua portuguesa, mas que reúnam, também, um importante acervo cultural e artístico, que permita compreender a lógica das interdependências, do ponto de vista da comunicação intercultural. Ou seja, vamos procurar esclarecer, com este acervo cultural e artístico, os juízos de valor que temos sobre o outro, assim como os estereótipos com que os enquadrámos. Vamos olhar, igualmente, as práticas concretas de assimilação, submissão ou indiferença, relativamente ao outro, assim como vamos dar combate à *metafísica da unidade*, que possa estar presente na ideia de diálogo intercultural, quando esta desconhece os processos sociais de segregação, dominação e tomada de poder.

O Museu Virtual da Lusofonia reúne, num esforço comum, centros de investigação e universidades, com projetos de investigação e de ensino pós-graduado, na área das Ciências Sociais e Humanas. Abre-se à cooperação com entidades

públicas, associações culturais e artísticas, e empresas ligadas à comunicação social, a atividades editoriais, e à produção de conteúdos digitais e de software. No seu conjunto, todas as organizações abrangidas por esta plataforma, centros de investigação, universidades, entidades públicas, associações e empresas, manifestam o interesse pela construção e pelo aprofundamento do sentido de uma comunidade lusófona.

Este Museu virtual inscreve-se na tradição dos estudos pós-coloniais, compreendendo as narrativas lusófonas como construção, a várias vozes, de uma comunidade geocultural, transnacional e transcultural. Concebe, por outro lado, as políticas da língua e da comunicação como um combate simbólico pela afirmação de uma comunidade plural, na diversidade de utilizadores que têm o português como língua de referência. Teremos em atenção a complexidade do movimento de interpenetração das culturas. Como é sabido, dado que é próprio da dinâmica das relações entre os povos, as interações tanto podem traduzir relações de encontro, apagamento, assimilação e dominação, como podem compreender, em gradações diversas, relações colonialistas, neocolonialistas e pós-colonialistas.

É propósito do Museu Virtual da Lusofonia constituir-se como um museu da web, com presença nos atuais repositórios nacionais dos países lusófonos, assim como no Google Arts & Culture.

A organização do Museu espalha-se por muitas dimensões. Entre elas, gostaria de salientar as seguintes:

- um arquivo documental, ou base de dados, organizado por categorias, de género, tema e país ou região, e que compreende narrativas (crónicas e entrevistas), materiais sonoros e pequenos vídeos, relatórios finais de projetos de investigação, programas de cursos de mestrado e doutoramento, assim como revistas científicas;
- uma secção informativa, que assinala o lançamento de livros, a inauguração de exposições, filmes em estreia, a defesa de teses de mestrado e doutoramento, e também projetos de investigação em execução;
- uma biblioteca, com teses de doutoramento e mestrado, além de publicações científicas selecionadas: livros, capítulos de livros e artigos;
- uma filmoteca, com uma curadoria de filmes relevantes, de todo o espaço lusófono;
- uma fonoteca, com uma curadoria de festivais de música selecionados, com a identificação dos promotores, das bandas de música, dos discos e cantores;
- salas de exposição, particularmente de fotografia, postais ilustrados, artes plásticas, filmes e outros materiais audiovisuais.

O Museu dispõe, também, de um calendário, em que é feito o destaque dos eventos científicos anuais mais relevantes, designadamente, os Congressos da Sopcom, da Intercom, da Agacom, da Mediacom, da Associação Moçambicana de Ciências da Comunicação e Informação, e da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação.

O Museu dispõe, ainda, de um mapa interativo, com a identificação dos países e regiões do espaço lusófono, remetendo para as equipas que nos vários países produzem materiais para o Museu, fazendo referência aos projetos de cooperação transnacional, à mobilidade de docentes e de alunos de pós-graduação – estágios de doutoramento, doutoramentos sanduíche e pós-doutoramentos.

Finalmente, o Museu Virtual da Lusofonia articula-se com uma rede de escolas, ao nível do ensino básico e secundário, em cada país da rede lusófona, desenvolvendo literacias que promovam uma cultura de diversidade e a comunicação intercultural.

MATRIZES: Como podemos pensar atualmente as relações entre cultura, comunicação e média, tema que é recorrente nas suas investigações e intervenções em congressos realizados em diversos países?

MLM: Primeiramente, é preciso lembrar que vivemos numa “sociedade da comunicação generalizada”. Mas não me estou a referir às circunstâncias de o humano se entender em termos comunicativos, não havendo outro modo de nos realizarmos, a não ser numa relação de comunicação com um outro. Não é isso. Por “sociedade da comunicação generalizada”, para falar como Giani Vattimo (1992), entendo a situação que atualmente é a nossa, de comunicação à escala global, hoje tornada possível pelas tecnologias da comunicação e da informação.

Quando hoje dizemos sociedade da comunicação generalizada estamos a pensar na atual situação da globalização. A comunicação acontece hoje em circunstâncias globalizadas, que nos são dadas pelas tecnologias da informação. A globalização é preponderantemente uma realidade de cariz económico-financeiro, é a constituição de um mercado global, através das tecnologias da comunicação e da informação, um mercado que reúne em tempo real todas as bolsas mundiais. E uma vez construído o mercado global, logo aconteceu que ele foi adotado como modelo para todas as coisas, bens, corpos e almas, convertidas deste modo em mercadoria. As tecnologias da comunicação e da informação, não apenas são a condição de possibilidade e de existência de um mercado global, como se tornaram a condição de possibilidade e de existência de um mercado, que ribomba por cima das nossas cabeças, capturando todas as dimensões da existência humana. É um facto, as tecnologias da comunicação e da informação estenderam até ao infinito o controle humano, para falarmos como Michel Foucault e Gilles Deleuze. A

cibernética, que nasceu como “a ciência do controle e da comunicação no animal e na máquina”, tal como a apresentou Norbert Wiener (1948/1961), faz agora um controle, total e infinito, das condições de existência humana.

Sendo esta a condição da época, não podemos mais pensar a cultura fora da nossa condição tecnológica. Os próprios média são hoje digitais e a cultura também se estende pelas redes sócio-técnicas, habitualmente conhecidas como redes sociais. Mas é toda a cultura, assim como as artes, que se convertem ao digital – um mundo de territórios novos, de paisagens novas e de ambientes novos: *sites*, portais, *blogs*, jogos eletrônicos, repositórios digitais, museus virtuais.

Ora, vem a ser preciso navegar por este novo território. E esse não deixa de ser um desafio aliciante, porque dessa resposta depende o futuro do humano. “Lá onde está o perigo, também cresce o que salva”, dizia o poeta alemão Hölderlin (citado em Heidegger, 1954/2002, p. 31). E esse é o nosso desafio, um desafio que se estende à cultura e às artes, um desafio que convoca as práticas dos profissionais do novo contexto digital, particularmente dos *web designers*, curadores *online*, gestores de museus virtuais, ativistas da *web*, *youtubers*, *influencers*... E é também um desafio que as atmosferas tecnológicas nos colocam na travessia a emprender, e que passa pela proteção e pela segurança dos conteúdos culturais digitais, assim como pela comunicação desses conteúdos.

Qualquer atividade humana produz cultura. E como a prática quotidiana dos indivíduos de hoje passa por uma filiação tecnológica, a cultura, ela própria, torna-se digital. Estes novos ambientes têm a ver com uma espécie de sensibilidade da época, com aquilo a que se respira, têm a ver com as emoções, com as sensações. Porque aconteceu aquilo a que Mario Perniola (1994/2004) chamou de *sex appeal* do inorgânico. O inorgânico é aqui o tecnológico. E os objetos técnicos estabelecem uma ligação sensorial com nós próprios, uma ligação com a nossa pele, o que quer dizer, uma ligação com as nossas emoções. E também os média passam por este processo e exprimem esta sensibilidade.

MATRIZES: Como definir os média e as suas relações mais amplas com as sociedades atuais e as pessoas que as compõem?

MLM: Os média nasceram como uma promessa de cidadania, ao serviço da sociedade democrática, exercendo a vigilância sobre os poderes públicos e as instituições, e instruindo os cidadãos sobre as decisões a tomar no espaço público. No entanto, como a experiência contemporânea é uma experiência tecnológica, os média estão sujeitos a este mesmo movimento. O que quer dizer que os média refletem as condições da época, que são tecnológicas, e as contradições que a própria época tem, por causas também tecnológicas. Por esta razão, os média passam a constituir um instrumento da ordem do espetáculo,

com uma *ética da estética* (Maffesoli, 1990), tendo um compromisso apenas com a emoção, que corresponde, na realidade, a uma retração do pensamento. Isso faz-me lembrar o personagem Ulrich, do livro *O homem sem qualidades*, de Robert Musil (1952/2008). Mobilizados pela técnica, os média contribuem para que a nossa época acumule conhecimentos como nunca aconteceu antes, em nenhuma outra época. Mas sentem-se absolutamente incapazes de alterar o curso das coisas.

MATRIZES: Isso permitir-nos-ia pensar num mal-estar da cultura ou num mal-estar na cultura?

MLM: É exatamente como diz, a cultura é atravessada por um mal-estar. A este respeito, escrevi um livro, de que fiz em 2017 a segunda edição, chamado *Crise no castelo da cultura: das estrelas para os ecrãs* (Martins, 2011). Publiquei-o no Brasil, com o subtítulo “das estrelas para as telas”. Interajo, aí, metaforicamente, com o livro de Georges Steiner (1971/1992), *No castelo do Barba Azul*. O personagem Barba Azul aprisionava todas as suas mulheres num quarto escuro do castelo e esquartejava-as, sucessivamente. Mas abrir a porta para a noite do castelo, era o preço a pagar para compreender o que se passava. E à semelhança do que aconteceu no Castelo do Barba Azul, abrimos, hoje, a porta para a tecnologia é o preço a pagar para compreendermos a noite da cultura. A esperança de salvação do humano está, sem dúvida, na tecnologia. E, todavia, conseguimos colocar o próprio planeta em risco de sobrevivência. Assim, temos que fazer opções, que nos levem ao quarto escuro da tecnologia. Essas decisões são urgentes, bastando para tanto darmos-nos conta do que está a acontecer com as alterações climáticas, de que são um gritante exemplo os recentes incêndios florestais, tanto em Portugal como na Califórnia, ou o ciclone Idai em Moçambique.

No fundo, a nossa relação com as tecnologias diz muito sobre a nossa identidade, assim como sobre a relação que mantemos com o planeta, que vamos intoxicando e cujas capacidades se vão exaurindo. Um outro mal-estar cultural, que é também um mal-estar político, são os nacionalismos, assim como as convocações ao patriotismo. O nacionalismo e o patriotismo significam hoje meros tribalismos, o que quer dizer, egoísmos, que desenvolvem sentimentos racistas, propagam a intolerância ao outro e destilam ódio àquele que é estrangeiro.

Dadas as condições tecnológicas da época, ocorre hoje também uma migração massiva de pessoas, numa escala tal, como nunca ocorreu no passado. As sociedades são hoje todas transculturais e o outro acaba por ser para mim um problema, se nos colocamos de um ponto de vista nacionalista. O nacionalismo constitui hoje o caminho usado para sociedades mais intolerantes e xenófobas.

Penso que sobre este assunto o único ponto de vista que faz sentido, assim como a única pedagogia a ter, são os que nos colocam do lado da comunidade humana como um todo, mantendo e alimentando um sentido de humanidade.

Sem dúvida, a diversidade é uma riqueza. Mas é uma riqueza que nos coloca muitos problemas. É da lógica das relações humanas que num primeiro momento eu possa ficar fascinado pelo outro. Mas o outro acaba sempre por me incomodar. Porque é diferente de mim e eu não o entendo. Tem hábitos que não são os meus, crenças que não são as minhas, vê o mundo de um modo diferente do meu e também age de um modo distinto de mim. No limite, aquilo que começou como um encontro com o outro, pode acabar em abafamento, anulamento, apagamento, dominação e violência. É esta a lógica das relações humanas, sejam elas vividas em termos individuais, ou em termos coletivos.

MATRIZES: Podemos então entender que a compreensão do mal-estar da cultura não pode ser dissociada dos avanços tecnológicos e dos modos como essa condição se entrelaça com nacionalismos e intolerâncias diversas ao diferente de nós?

MLM: Certamente que a nossa compreensão da cultura tem muito a ver com a mobilização tecnológica. A cultura do Ocidente foi construída segundo o princípio da analogia, com todas as coisas a remeterem para uma causa anterior, sendo Deus a primeira das causas, aquela que reúne na unidade todas as coisas. O Ocidente foi feito por três religiões principais e cada uma delas tem um livro sagrado, que nos funda de acordo com o mesmo princípio, o da analogia. O Judaísmo tem a Torá. O Cristianismo tem a Bíblia. E o Islão tem o Alcorão. Em todas estas tradições religiosas é Deus a causa das coisas, para onde toda a criação remete. Chamemos-lhe Jeová, Javé ou Alá. Com a laicização da cultura, esta mundividência acabou no Ocidente. O iluminismo e o romantismo desferiram um golpe fatal no princípio da analogia e abriram caminho à modernidade. Daí para frente, tendo Deus morrido, o homem passou a contar apenas consigo próprio para fazer o seu caminho. A visão de um mundo separado e autotélico é aprofundada pelas tecnologias da imagem, que começam por meados do século XIX, com a invenção da máquina fotográfica, prosseguem com o cinema, a televisão e o vídeo, e chegam à internet e ao digital. A tecnologia, hoje, não aspira apenas a fazer-nos o braço; quer produzir-nos por inteiro. E é um facto, a tecnologia expande, hoje, a experiência do humano, por exemplo, através da máquina fotográfica, da programação informática e do design gráfico. Cresceram, então, exponencialmente, as nossas práticas de simulação e de simulacro. Com a tecnologia, cresceu também a nossa capacidade de produzir seres artificiais e virtuais. E à expansão da nossa

experiência e conhecimento corresponde, igualmente, uma expansão da narrativa, uma expansão do nosso modo de nos narrarmos, de falarmos de nós. Mas, apesar dos novos territórios, das novas paisagens e dos novos ambientes eletrônicos, o humano sente o perigo e mostra-se desassossegado. Porque deixou de ter fundamento seguro, território conhecido e identidade estável.

MATRIZes: Voltando à religião e à laicização da cultura, no Brasil temos vivenciado o que estudiosos de diversas áreas chegam a denominar como um tipo de fundamentalismo, particularmente aqui identificado com as denominadas igrejas neopentecostais, decisivas no processo eleitoral último e decisivas, ao que tudo indica, na formulação de políticas governamentais atuais. Essas igrejas utilizam de forma eficaz os recursos expressivos dos média, incluindo as redes sociais, para a difusão de pensamentos conservadores, não raro com discursos de ódio de natureza sexista, racista e de combate a outras religiões. Como pensar situações como essas?

MLM: Ora bem, vejo os comportamentos e as atitudes que refere como uma procura de saída para a crise do humano. Embora a solução proposta seja uma má resposta à crise, porque se traduz na tentativa de um mero regresso ao passado. E uma solução desse tipo não assenta nem no entendimento da modernidade, nem na compreensão do humano. É uma solução completamente equivocada. Dada a condição da época, de mobilização tecnológica permanente para um mercado qualquer, tendo que ser competitivo e empreendedor num mercado qualquer, para tudo tendo que trabalhar para a estatística e para o ranking, o humano passou a estar sujeito a uma crise permanente. Mas nas condições tecnológicas, que são as nossas, não há solução de varinha mágica, temos que entender a instabilidade existencial como a própria condição do humano.

Agora, reações como as que refere, a das igrejas neopentecostais no Brasil, são tentativas vãs de um regresso ao passado, quando o mundo ocidental já não assenta no princípio da analogia. O mundo ocidental é hoje um mundo separado e laicizado. Naturalmente, cada um tem as suas próprias crenças. Mas as soluções para a coletividade são laicas. O Estado tem que se ocupar dos seus cidadãos neste quadro de existência e as soluções são necessariamente soluções humanas, e não soluções divinas – e as soluções humanas são as soluções possíveis. Procurar soluções forçadas, de regresso ao passado, é o mesmo que regressar a um regime de cristandade, onde Deus era o princípio de todas as coisas. Nós vemos soluções destas nos países islâmicos. Mas o Islão não passou por um processo de laicização. As soluções propostas pelas igrejas neopentecostais no Brasil são soluções obscurantistas e sectárias, são soluções fundamentalistas, que promovem a ignorância e a desinformação

dos cidadãos, são soluções que promovem a intolerância para com o outro, promovem o racismo, a xenofobia e a homofobia.

MATRIZES: Tomando como referência o atual cenário da comunicação, das tecnologias e dos média, é possível pensar que a democracia está em risco?

MLM: Penso que sim, penso que a democracia está em risco. A democracia é uma das instituições do regime literário, que fez o Ocidente, ao lado das universidades e do jornalismo. Dizia Jorge Luís Borges (1969/1988), no poema “Unending gift”, que apenas pela palavra podemos prometer. E, com efeito, a democracia foi sempre uma promessa de liberdade. Assim como as universidades foram uma promessa de emancipação histórica. E o jornalismo uma promessa de cidadania. Além disso, o regime literário fundou-se no princípio da analogia, com todas as coisas a remeterem para uma causa anterior que as explicava, sendo que a última das causas reunia tudo na unidade, ou seja, numa ideia de comunidade. Mas o regime literário foi substituído pelo regime tecnológico. O princípio da analogia desfez-se. E todas as coisas, bens, corpos e almas, foram convertidos em mercadoria, servindo o mercado, a competição, o empreendedorismo, a estatística e o ranking.

Nestas condições, deixou de haver fundamento seguro, território conhecido e identidade estável. E o humano passou a viver em sobressalto e em desassossego, em crise, assim como todas as instituições que até então o garantiam, pois que estas também entraram em crise. Os média exprimem a atual cinética do mundo, que é a da mobilização tecnológica para o mercado, ou seja, para o negócio, pelo que manifestam cada vez maiores dificuldades no exercício do seu trabalho, de promoção da cidadania e de proteção da democracia.

Por outro lado, a soberania deixou de residir nos estados nacionais, tendo sido transferida para estruturas políticas e económico-financeiras supranacionais, como o Banco Mundial, o Banco Central Europeu, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, a União Europeia, o Mercosul, a União Africana. Com isso, as decisões mais importantes passaram para verdadeiros *governos mundiais*, tendo os nossos países uma margem de manobra estreita e sendo as suas decisões de efeito político e económico reduzido. As principais decisões são colocadas num outro patamar, num outro sítio, nessas macroestruturas globais, financeiras e políticas. E quando se fala hoje em populismo, verificamos que ele é uma outra face daquilo que podemos considerar como uma verdadeira retração do pensamento, que afeta o nosso tempo.

O Ocidente foi construído pelo *logos* grego e cristão, uma palavra que é também razão, sentido e direção, e por um horizonte de comunidade, de unidade integradora, que o princípio de analogia tornou possível. Entretanto, a

substituição do regime da analogia pelo regime tecnológico, veio mobilizar-nos para as urgências do presente, para as urgências do quotidiano, que são sempre as urgências de uma competição qualquer, para um mercado qualquer, ocorrendo então a retração do *logos* e a promoção do *pathos*, a retração da razão e a promoção da emoção, a substituição do horizonte de comunidade pelos mais variados interesses, próprios de uma sociedade tribal. Decididamente, hoje os tempos não vão bons para a ideia de cidadania e de democracia. Da boca de cena da história, temos visto aproximarem-se a multidão, o populismo e o nacionalismo, fomentando toda a espécie de egoísmo, promovendo o racismo, a xenofobia e a intolerância, e colocando em risco a comunidade humana. ■

REFERÊNCIAS

- Borges, J. L. (1988). The unending gift. In *Elogio da sombra. Obras Completas* (1952- 1972), II. Lisboa: Teorema. (Obra original publicada em 1969)
- Heidegger, M. (2002). A questão da técnica. In M. Heidegger. *Ensaio e conferências* (pp. 11-38), Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1954)
- Maffesoli, M. (1990). *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: La Table Ronde.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura: Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor (2.^a ed., 2017. Edição brasileira: *Crise no castelo da cultura: Das estrelas para as telas*. São Paulo: Annablume, 2011)
- Musil, R. (2008). *O homem sem qualidades*. Lisboa: D. Quixote. (Obra original publicada em 1952)
- Perniola, M. (2004). *O sex appeal do inorgânico*. Coimbra: Ariadne. (Obra original publicada em 1994)
- Steiner, G. (1992). *No Castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1971)
- Vattimo, G. (1992). *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Wiener, N. (1961). *Cybernetics: Or control and communication in the animal and the machine*. The MIT Press. (Obra original publicada em 1948)

Link do Museu Virtual da Lusofonia: www.museuvirtualdalusofonia.com